



RELAÇÕES DE GÊNERO E ESCOLA: PROBLEMATIZAÇÕES POSSÍVEIS

Julio Cezar Pereira Araujo¹

Introdução

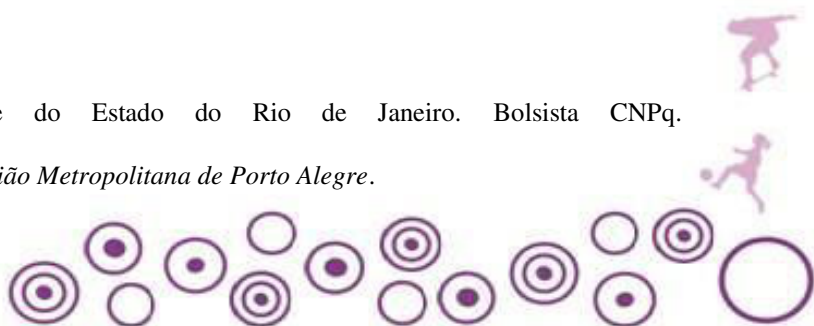
Durante o 1º semestre de 2016, quando ainda estava na graduação cursando Pedagogia, estive em mobilidade acadêmica na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Este relato de experiência se constitui a partir das minhas experiências pedagógicas, durante a execução da minha semana de prática com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública estadual, localizada no município de Porto Alegre/RS. Portanto, uma nova experiência, uma nova cidade, novos costumes, “novos/as alunos/as”, novas propostas pedagógicas e um desafio: produzir uma docência compartilhada.


Durante esta semana, tínhamos como possibilidade criar o nosso próprio planejamento ou continuar com os conteúdos programáticos da turma. Em conversa com a professora regente, nos foi solicitado que continuássemos com os conteúdos da turma, que naquele momento seria produzir discussões a partir dos pontos turísticos da cidade de Porto Alegre. Optamos por ampliar a temática para pontos culturais e a relação dos sujeitos com o espaço em que se inserem. Assim, elencamos como princípio pedagógico “*Experiências urbanas: Conhecer o espaço para nele atuar*”² e como fio condutor “*os sentidos dos espaços da cidade de Porto Alegre*”. Utilizamos o termo “sentidos” relacionado ao desenvolvimento da sensibilidade dos alunos para a percepção dos espaços, nos seus aspectos culturais e históricos, compreendendo-os como carregados de significados. Mesmo tendo optado por não produzir um planejamento pautado nas discussões de gênero, a fim de respeitar o pedido da professora da turma em dar continuidade aos conteúdos, as discussões em torno das problematizações de gênero se manifestavam no cotidiano daquela turma. Portanto, é a partir destas problematizações que iremos construir este relato de experiência.

Relatando uma experiência

¹ Mestrando em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. juliocezar.p.araujo@gmail.com.

² Inspirado no livro *Territórios e Lugares da Região Metropolitana de Porto Alegre*.






Diante das atitudes e comportamentos diários, enxergamos a discussão de gênero sendo perpassada no contexto escolar e sendo “desconhecida” ou “não vista” pelos/as professores/as. Logo, se pensarmos que a temática não deve ter uma sincera atenção é uma imensa obstrução da realidade, ao percebermos o gênero enquanto uma categoria de disputa (e de política). A temática se evidencia, por exemplo, no momento da fila ao recreio, ao sentar em dupla, na negação dos meninos ao manusear objetos da cor rosa. No momento em que íamos para o lanche, questiono uma menina sobre a organização das filas, logo, ela me responde: “*deveríamos ter um colégio só de menina e um só de menino*”. Naquele momento, se fez necessário uma provocação a fim de pensarmos uma educação não sexista.

Ao passo que as crianças vão sendo inseridas nas normativas sociais (a partir das vivências cotidianas em diversas instituições), os/as alunos/as tendem a adquirir preconceitos, intolerâncias e demais valores que são passados na educação familiar, social e escolar. Como já mencionado, algo cotidiano na escola é a fila: para ir até a sala de aula, para o lanche, para o recreio, para a educação física e para a saída. Em todos os momentos a mesma se faz presente e, novamente, com a igualdade de gênero não sendo respeitada, reforça-se um binarismo entre meninos e meninas. No primeiro dia da prática, ao pedir para que os/as alunos/as se dividissem em grupos apontando a temática (bairro que mora, tempo de deslocamento até a escola e meios de transporte) que mais lhe interessassem na construção do gráfico, ficou evidente que mesmo sendo uma opção de escolha pessoal, os grupos se formaram numa clara divisão entre meninos e meninas: G.1 - 4 meninas; G.2 - 7 meninos; G.3 - 4 meninas e 1 menino. A forma organizacional entre os grupos nos evidencia como a divisão entre os gêneros se apresenta de forma concreta nos anos iniciais de escolaridade (vale ressaltar, que o menino presente no G.3 recebeu uma suposta “desaprovação” dos demais colegas do G.2, não podendo ocupar aquele espaço).

Outro exemplo aconteceu durante a educação física. As meninas decidiram participar do jogo de futebol. Inicialmente, todos os meninos concordaram, mas ao perceber que as meninas não estavam tendo o mesmo “espírito competitivo” e não demonstravam “determinadas habilidades” exigidas para o manuseio da bola, alguns meninos logo começaram a achar ruim a participação delas. Com isso, iniciaram-se as desavenças entre os gêneros, até que uma menina gritou: “*Tio, ele não quer que eu jogue. Seu machista!*”. Neste momento fiquei parado observando a atitude da menina. Fiquei muito feliz e motivado ao saber que uma menina com 10 anos supostamente conseguiu identificar uma possível atitude machista. Assim, como para alguns conservadores ou machistas, uma menina jogar futebol é “excêntrico”, imagina um menino gostar de brincar de boneca ou utilizar adereços cor de





rosa? Todos estes elementos estão construindo o sujeito na busca de um “gênero perfeito” ou no “enquadramento de um gênero estabelecido”.

Analisando os comportamentos apresentados, percebo que infelizmente a noção sobre a igualdade de gênero passa despercebida no currículo escolar e na formação docente, e “mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas”. (LOURO, 2013, p. 21).

Filas ou fila? Silenciamento ou barulho? Dupla ou grupo? Menino ou menina? Disciplina ou dominação? Depois de tantas perguntas, reflito que a disciplina existente dissemina corretamente os indivíduos no espaço, visa a submissão, o contato com os demais indivíduos, a troca de ideias e informações. A partir destas atitudes, me recordo dos “corpos dóceis” (FOUCAULT, 2007), a partir dos quais os/as alunos/as são levados a punições, por fazerem algo denominado “contrário” às “normas” impostas pelas pessoas ou pela instituição. Enxergo a disciplina como massificadora, dominante e utilizada para criar corpos úteis. Professores/as se deixam levar por estas atitudes, virando reprodutores/as de um conhecimento o qual eles/as nem possuem.

Queremos deste modo validar neste relato de experiência a importância das discussões em torno do debate de gênero nas escolas. É importante ressaltar que não tínhamos o interesse em intensificar estas discussões durante a prática com esta turma, mas o cotidiano daquela turma nos levou a perceber que mesmo que não tenhamos um interesse, as problematizações sobre gênero, sexualidade, raça, classe, entre outros, sempre estarão presentes enquanto marcadores no ambiente escolar, cabendo a nós professores/as produzirmos reflexões e debates em torno do assunto.

Referências

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 34. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 – 288p.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

